

## Processos midiáticos: a cultura do mito

### *Mediatic processes: the culture of myth*

Wellington Anselmo MARTINS<sup>1</sup>

#### Resumo

O objeto de pesquisa deste artigo é o discurso midiático feito sobre o astrofísico Stephen Hawking. O jornal brasileiro Folha de S. Paulo é o meio de comunicação delimitado para estudo. O período para levantamento de dados midiáticos é de janeiro até março de 2015. Este artigo é parte integrante de uma pesquisa maior, que pretende estudar a imagem midiática de Stephen Hawking do ano de 2015 inteiro. O objetivo geral deste estudo é responder à seguinte questão: na grande mídia brasileira, especialmente no jornal delimitado, há sinais de discurso mitificador sobre o astrofísico Stephen Hawking? Os objetivos específicos são dois: primeiro, apresentar resumidamente a noção de “mito” segundo a semiologia de Roland Barthes; segundo, aplicar o método análise de conteúdo para levantamento e crítica dos textos publicados pela Folha de S. Paulo. Os resultados desta pesquisa, enfim, confirmam que há elementos de “hawkinidade” no material analisado.

**Palavras-chave:** Mitificação. Stephen Hawking. Folha de S. Paulo. Semiologia. Roland Barthes.

#### Abstract

The research object of this article is the mediatic speech made on the astrophysicist Stephen Hawking. The Brazilian newspaper Folha de S. Paulo is the means of communication delimited for study. The period for media data collection is from January to March 2015. This article is an integral part of a larger survey, which aims to study Stephen Hawking's media image of the entire year 2015. The general objective of this study is to answer the following question: in the great Brazilian media, are there signs of mythological discourse about astrophysicist Stephen Hawking? The specific objectives are twofold: first, to briefly present the notion of "myth" according to the semiology of Roland Barthes; second, to apply the method of content analysis to survey

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).  
E-mail: am.wellington@hotmail.com

and critique the texts published by Folha de S. Paulo. The results of this research, finally, confirm that there are elements of "hawkiness" in the analyzed material.

**Keywords:** Mitification. Stephen Hawking. Folha de S. Paulo. Semiology. Roland Barthes.

## Introdução

A presente pesquisa é a primeira exposição de teoria e dados que foram separados em dois artigos. Nesta exposição inicial, apresenta-se um resumo da noção de mito e mitificação para, depois, expor o levantamento e análise de dados midiáticos referentes ao início do ano de 2015.

Neste artigo, trata-se resumidamente da semiologia de Roland Barthes (1915-1980, filósofo e cientista francês). Especificamente, interessa para este estudo o conceito de mito desenvolvido por Barthes, vinculado à crítica da grande mídia.

O jornal brasileiro Folha de S.Paulo, em sua versão impressa, é a mídia delimitada para estudo. Sendo que as publicações do primeiro trimestre, do ano de 2015, é que foram observadas, quantificadas e criticadas nesta pesquisa, seguindo o método Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

O discurso midiático idealista e deformador pode atingir a qualquer coisa ou pessoa, conforme se vê na revisão teórica da primeira parte deste artigo. Dentro desse amplo universo mítico, optou-se por analisar as publicações acerca do astrofísico britânico Stephen Hawking, uma vez que este é, recorrentemente, alvo de notícias de grande apelo retórico, que contribuem para a construção de sua imagem romantizada.

Os resultados deste estudo apontam que, também no jornal Folha de S.Paulo, a propagação de uma "hawkinidade", ou mito de Hawking, acontece moderada mas ininterruptamente, conforme é possível notar nos indícios de mitificação apontados na inferência sobre os dados levantados da parte final deste artigo.

## A mitificação, segundo Barthes

Neste tópico, apresenta-se a mitologia, ou ciência dos mitos, pensada por Barthes (1982), que é teoria pertinente para análise da mitificação midiática do físico Stephen Hawking.

Barthes, no capítulo intitulado “O mito, hoje”, ou seja, capítulo em que trata especificamente do processo contemporâneo de mitificação que ocorre em maior escala na mídia de massa, procura definir inicialmente o que é o mito (1982, p. 129).

O que é um mito, hoje? Darei desde já uma primeira resposta, muito simples, que concorda plenamente com a etimologia: *o mito é uma fala*. Naturalmente, não é uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito, vê-lo-emos em breve. (BARTHES, 1982, p. 131).

O mito é uma fala, é uma mensagem cuja forma é mais importante do que o seu conteúdo.

“Já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito [...]. O mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere” (1982, p. 131), por isso o mito não pode ser definido como sendo um objeto. O mito não é Deus, o sol, o profeta ou o rei. Como o mito, na verdade, é uma determinada forma comunicativa, uma forma dentro da qual cabe qualquer tipo de conteúdo/objeto, então tudo o que existe pode ser mito: tudo é mitificável.

Uma árvore, por exemplo, no plano mais simples e direto possível, é só uma árvore. É um objeto do universo, da natureza. Essa árvore, em si mesma, tem uma existência fechada e muda. No entanto, se um artista falar dessa árvore, então ela pode ganhar uma beleza literária; se um religioso falar dela, ela pode ganhar o *status* de sagrada; se um político falar dela, a árvore pode ir parar na bandeira do país, como imagem que representa a força desse país, sua frutividade, sua economia.

O maior dos deuses ou a menor das plantas, qualquer coisa cabe dentro da forma mistificadora. O mito é uma fala, e de tudo se pode falar, logo, então, tudo pode ser mito.

Exposto isso, Barthes então aponta a distinção entre: história e natureza. Tal distinção é central para a sua teoria do mito:

É a história que transforma o real em discurso, é ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas. (1982, p. 132).

É por isso, porque é histórico e cultural, ou seja, porque é humanamente criado, que há mitos que são novos e recentes, há mitos que são antigos e muito antigos. Mas não há mitos eternos. Mitos nascem e morrem constantemente: tal como algumas ondas estão para o mar, as falas míticas estão para a história humana.

Porém, é característica central do mito tentar negar a história.

A forma mitificadora apresenta o seu objeto como natural: o rei tem o sangue azul, o Papa tem a escolha do próprio Deus, o cientista genial tem o cérebro fisicamente maior etc. Muitos políticos, religiosos e intelectuais são objeto de constante mitificação, são comunicados como sendo naturalmente superiores, sobre-humanos, às vezes tidos como eternos e divinos. Sendo assim, a fala mítica serve para fazer prostrar, diante de uma certa “natureza”, a cultura, a história, o ser humano.

A mensagem mítica “não pode definir-se nem pelo seu objeto e nem pela sua matéria” (Barthes, 1982, p. 132), ou seja, além de o mito não poder ser definido a partir do seu conteúdo/objeto: uma árvore, um sol, a natureza inteira; uma princesa, uma cientista, as mulheres como um todo; uma ideia, uma teoria, todo um sistema ideológico etc., o mito também não pode ser definido a partir do meio material que dá suporte à sua mensagem: verbal (dita ou escrita) ou visual (imagética): livros, artigo de jornal, carta; fotografia, cinema, reportagem, publicidade; apresentações esportivas, espetáculos teatrais, artísticos, eventos políticos ou religiosos etc.

O mito é, basicamente, definido a partir de sua forma própria: o mito é um tipo de fala, é um tipo de discurso, de linguagem, ou seja, é toda a unidade ou toda a síntese significativa, que comunica uma mensagem; esta mensagem pode empregar qualquer meio material para apresentar qualquer conteúdo sobre o qual um emissor-autor visa

uma significação naturalizadora de aspectos culturais escolhidos, falsificando, assim, consciente e discursivamente o real, os fatos.

A mitologia, por isso, precisa ser um amplo estudo dos signos, quer dos signos escritos de um determinado idioma, quer dos signos visuais de uma determinada arte ou religião. Essa generalidade, no entanto, “não quer dizer que se deva tratar a fala mítica como se trata a língua: na verdade, o mito depende de uma ciência geral extensiva à linguística, que é a semiologia” (Barthes, 1982, p. 133).

A ciência que estuda a fala mítica, mitologia, apesar de estudar diversos tipos de signo, é apenas uma pequena parte da semiologia, esta que é a grande ciência dos signos.

A semiologia não termina quando fatos da vida e da linguagem são descritos, ela busca definir e explorar os valores sîgnicos, comunicativos e culturais que envolvem esses fatos. É por isso que “a semiologia é uma ciência das formas, visto que estuda as significações independentemente do seu conteúdo” (Barthes, 1982, p. 133) e a mitologia, por sua vez, é uma delimitação ou especificação desse estudo das formas. Porém, o estudo dos mitos tem uma característica especial: faz parte da semiologia, como já afirmado, mas também da ideologia, ou seja, o estudo dos mitos sustenta-se sobre uma ampla ciência formal e também sobre uma ciência histórica: ele reflete as formas enquanto critica as suas ideias.

Após contextualizar assim o lugar dessas ciências, Barthes então expõe o vocabulário técnico básico da semiologia, que é também empregado em sua mitologia:

Recordo portanto que toda semiologia postula uma relação entre dois termos, um *significante* e um *significado*. [...] É preciso não esquecer que, contrariamente ao que sucede na linguagem comum, que me diz simplesmente que o significante exprime o significado, devem-se considerar em todo o sistema semiológico não apenas dois, mas três termos diferentes; pois o que se apreende não é absolutamente um termo, um após o outro, mas a correlação que os une: temos portanto o significante, o significado e o *signo*, este que é o total associativo dos dois primeiros termos. (1982, p. 134-135).

Ou seja, entre o significante, o significado e o signo há características funcionais, que articulam as partes com o todo da semiologia. Barthes diz que tais

características, de tão específicas, podem levar a uma análise aparentemente tecnicista e vã. No entanto, salienta que “esta distinção tem uma importância capital para o estudo do mito como esquema semiológico” (1982, p. 135).

Barthes chama o mito tanto de “esquema semiológico” como de “sistema semiológico”, mas para além desses termos e nomes empregados, o fundamental é a noção ou ideia que ele apresenta para a semiologia e mitologia: “Nunca será demasiado repetir que a semiologia só pode comportar uma unidade ao nível das formas, e não dos conteúdos” (1982, p. 136).

Especificamente no mito, encontra-se esse esquema semiológico tridimensional; um mito sempre pode ser desmembrado no seu significante, significado e signo. E uma vez que cada mito é um sistema particular, que é necessariamente construído a partir de uma cadeia semiológica ampla e anterior a ele, então o mito pode ser denominado como “sistema semiológico segundo”.

O sistema básico, primeiro, linguístico, refere-se à própria língua ou idioma, refere-se à expressão verbal (oral ou escrita), mas também à expressão visual (imagem) e seus diversos modos de representação. Esse sistema semiológico primeiro, então, está intimamente ligado ao mito, na verdade serve de base material para ele. A língua, enquanto expressão verbal, somada aos modos de expressão visual que lhe são associados aqui, é o sistema linguístico primeiro, que tem a função de meio material para a fala mítica. Isto é, um idioma, um filme, um ritual, um espetáculo, constituem esse sistema que também é chamado de significante:

É necessário recordar, neste ponto, que as matérias-primas da fala mítica (língua propriamente dita, fotografia, pintura, cartaz, rito, objeto etc.), por mais diferentes que sejam inicialmente, desde o momento em que são capitados pelo mito, reduzem-se a uma pura função significante: o mito vê nelas apenas uma mesma matéria-prima. (BARTHES, 1982, p. 136).

Estruturalmente, então, há dois sistemas no mito: primeiro, o sistema linguístico; segundo, o sistema mítico. Todo e qualquer mito, por isso, é constituído por essa duplicidade esquemática. E Barthes chamou esse sistema linguístico de “linguagem-objeto” e esse sistema mítico de “metalinguagem”.

Dentro dessa estrutura teórica, o aspecto tridimensional também é renomeado: o significante, que participa de ambos os sistemas, no plano da língua é chamado de “sentido” e já no plano do mito é chamado de “forma”; o significado, por sua vez, é chamado de “conceito”; e o terceiro e último termo, que na verdade é a correlação dos dois primeiros, no sistema linguístico é chamado de signo e já no sistema mítico recebe o nome de “significação”.

Resumidamente, então, a mitologia de Barthes adota os seguintes termos centrais: forma (significante), conceito (significado), significação (signo).

Para exemplificar essa riqueza de vocabulário empregada na interpretação de uma fala mítica, esta fala que participa concomitantemente dos sistemas semiológicos primeiro e segundo, eis a seguinte narrativa e a sua respectiva análise:

Estou no cabeleireiro, dão-me um exemplar do periódico Paris-Match. Na capa, um jovem negro vestindo um uniforme francês faz a saudação militar, com os olhos erguidos, fixos sem dúvida numa prega da bandeira tricolor. Isto é o *sentido* da imagem. Mas, ingênuo ou não, bem vejo o que ela *significa*: que a França é um grande Império, que todos os seus filhos, sem distinção de cor, a servem fielmente sob a sua bandeira, e que não há melhor resposta para os detratores de um pretense colonialismo do que a dedicação deste negro servindo os seus pretensos opressores. Eis-me pois, uma vez mais, perante um sistema semiológico ampliado: há um *significante*, formado já ele próprio por um sistema prévio (um soldado negro faz a saudação militar francesa); há um *significado* (a “francidade” e “militaridade”); e há enfim o *signo*, que é a presença do significado através do significante. (BARTHES, 1982, p. 138).

A fotografia de capa da Paris-Match, apresentada no exemplo, é uma ampla semiologia, pois participa tanto do sistema linguístico quanto do sistema mítico.

Introdutoriamente, deve-se dizer que o periódico em si, o Paris-Match, estampando a fotografia, é o meio material, que cumpre a função de significante. Ou seja, já dentro do vocabulário da mitologia de Barthes, o soldado negro fazendo a saudação francesa é o que se chama de “forma”.

E tal forma mítica, que não é uma fala desinteressada, defende um “conceito”: a francidade-militaridade, a França que é amada e servida por todos os seus cidadãos, inclusive os negros. Eis, aqui, o significado.

Por terceiro, o signo: que é tanto a matéria-prima dessa mensagem quanto aquilo que ela quer dizer, só que unidos. O total associativo entre a foto de capa e o nacionalismo francês é o que se chama de “significação”, isto é, a relação mútua dos dois primeiros termos.

Enfim, eis um resumo dos estudos de mitificação propostos por Barthes. Tais estudos que, neste artigo, são úteis para compreender os discursos feitos pela grande mídia brasileira acerca do físico Stephen Hawking e, por conseguinte, úteis para a identificação de “hawkinidade” dentro desses discursos.

## **Indícios de “hawkinidade” na Folha**

Neste tópico, apresenta-se os dados levantados da mídia, a aplicação do método análise de conteúdo e, a partir da noção teórica da mitologia de Barthes, resumida anteriormente, propõe-se uma leitura crítica dos sinais de mitificação encontrados nos textos da grande mídia.

Quantitativamente, chegou-se ao resultado de que, no primeiro trimestre de 2015, de 1º de janeiro a 31 de março, o jornal Folha de S.Paulo publicou dezesseis (16) textos citando o astrofísico Stephen Hawking.

Ao se analisar os contextos nos quais Stephen Hawking é citado pela Folha de S.Paulo, constata-se indícios de discurso deformado e mitificador em alguns casos:

O primeiro texto da busca, de 17/03/2015, sob o título “Exterminadora do futuro”, na coluna TEC, escrito por Fernanda Perrin, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Procurado pela Folha, o professor respondeu que estava em um "retiro filosófico para ter ideias para um controle seguro da IA" e que não poderia comentar. O físico Stephen Hawking já disse que "o desenvolvimento de uma inteligência artificial pode significar o fim da raça humana".

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma crítica aos perigos do desenvolvimento da inteligência artificial. O físico Stephen Hawking é empregado na conclusão do texto como nome de autoridade associado à expressão retórica “já disse”,



referindo-se a uma de suas falas públicas que soam ao mesmo tempo proféticas e distópicas.

O segundo texto, de 15/03/2015, sob o título “O que eles disseram”, na coluna Folha Corrida, sem autor nomeado, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Michael Keaton: “Estou pensando em usar uma cadeira de rodas no meu próximo papel no cinema”, disse o ator indicado ao Oscar por 'Birdman', comentando declaração de que só 'doenças recebem o prêmio'; Eddie Redmayne foi o ganhador após interpretar o físico Stephen Hawking, que sofre de esclerose.

Esse texto, de modo geral, trata-se unicamente de uma citação de crítica feita pelo ator Michael Keaton. O físico Stephen Hawking aparece apenas secundariamente, mais relacionado ao estigma de ser cadeirante, uma pessoa com deficiência, do que a um possível discurso mitificador.

O terceiro texto, de 24/02/2015, sob o título “‘Birdman’ reflete a imagem que Hollywood tem de si mesma”, na coluna Ilustrada, escrito por Inácio Araujo, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Mas não pode haver Oscar sem ao menos uma surpresa: Michael Keaton não levou o prêmio de ator. Ele foi para Eddie Redmayne, que não só é inglês como interpretou Stephen Hawking, isto é, um papel com uma alteração física não só brutal como progressiva. Não chega a ser surpresa.

Esse texto, de modo geral, trata-se uma crítica à premiação do Oscar do ano de 2015. O físico Stephen Hawking aparece de modo secundário no texto, relacionado à sua cinebiografia “A teoria de tudo”. Há poucos indícios de discurso deformado nesse contexto, como no uso apelativo dos termos “brutal” e “progressiva” para retratar a doença de Hawking, interpretado pelo vencedor do Oscar Eddie Redmayne.

O quarto texto, de 23/02/2015, sob o título “Favorito, ‘Birdman’ leva quatro Oscar”, na coluna Ilustrada, escrito por Guilherme Genestreti, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Não houve muitas surpresas nas categorias de atuação. Pelo papel do físico Stephen Hawking, Eddie Redmayne ganhou como melhor ator em "A Teoria de Tudo", desbancando o outro favorito: Michael Keaton, de "Birdman". O prêmio de atriz foi para Julianne Moore ("Para Sempre Alice"), que vive uma mulher com Alzheimer.

Esse texto, de modo geral, trata-se outra crítica à premiação do Oscar do ano de 2015. O físico Stephen Hawking aparece de novo descentralizado no texto, relacionado à sua cinebiografia "A teoria de tudo", mas sem adjetivação que indique discurso mitificador neste caso.

O quinto texto, de 22/02/2015, sob o título "Já vi esse filme", na coluna Ilustrada, escrito por Guilherme Genestreti, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

E são dois homens – o cientista mais midiático da atualidade (Stephen Hawking) e um dos ativistas políticos mais conhecidos da história (Martin Luther King) – os protagonistas dos biográficos "A Teoria de Tudo" e "Selma", respectivamente. Seja como for, os atores principais dessas oito produções evocam estereótipos que os membros da Academia gostam de premiar.

Esse texto, de modo geral, trata-se uma resenha da premiação do Oscar do ano de 2015. O físico Stephen Hawking aparece sugestivamente no contexto citado acompanhado de uma típica referência elogiosa, "o cientista mais midiático da atualidade", que contribui para a sua mitificação. Além de estar associado a outro ícone de idealização midiática, Martin Luther King.

O sexto texto, de 22/02/2015, sob o título "À beira do buraco negro", na coluna Ilustríssima, escrito por Henrique Gomes, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

O primeiro é a degeneração – do planeta Terra, em um; de um sistema neuromuscular, em outro. À deterioração do planeta Terra, se busca escapar por meio da exploração interestelar, liderada pelo personagem Cooper (Matthew McConaughey). À do corpo humano, por meio da mente incansável de Stephen Hawking, vivido pelo excelente Eddie Redmayne. [...] Stephen Hawking nasceu em Oxford, em 1942. Aos 21 anos, já no primeiro ano de seu doutorado, recebeu o diagnóstico

de ELA (esclerose lateral amiotrófica). Decidido a continuar seus estudos, um dos primeiros problemas a que Hawking se dedicou foi à questão do que acontece quando uma estrela é tão pesada que não aguenta o próprio peso.

Esse texto, de modo geral, trata-se uma resenha versando sobre a relação da ciência com o cinema. O físico Stephen Hawking aparece em diversos momentos do texto, sempre apresentado como referência em sua área de atuação científica. Mas propriamente no contexto citado é que se associa a doença de Hawking à degeneração da Terra, salienta-se a sua precoce ascensão intelectual, sua “mente incansável”, e sua decisão louvável por continuar nos estudos complexos de física teórica apesar do diagnóstico de uma doença mortal. Tais elementos discursivos contribuem para a imagem romantizada e virtuosa que há sobre Hawking.

Nos sétimo e oitavo textos que aparecem na busca, o físico Stephen Hawking é citado apenas secundariamente, pois esses textos são sinopses da cinebiografia “A teoria de tudo”.

O nono texto, de 09/02/2015, sob o título “‘Boyhood’ vence ‘Birdman’”, na coluna Ilustrada, sem autor nomeado, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

O inglês Eddie Redmayne, que interpreta o cientista Stephen Hawking no filme "A Teoria de Tudo", foi eleito o melhor ator do prêmio. Hawking foi um dos destaques da cerimônia. Entregou com a atriz Felicity Jones o prêmio de efeitos visuais para "Interestelar". O cientista, que sofre de esclerose lateral amiotrófica, foi aplaudido de pé.

Esse texto, de modo geral, trata-se uma crítica acerca dos filmes concorrentes no prêmio britânico Bafta. O físico Stephen Hawking é apresentado como “destaque” por ter participado pessoalmente dessa premiação. O acréscimo costumeiramente elogioso ocorre pelo texto ressaltar que Hawking foi aplaudido de pé durante o evento.

O décimo texto, de 09/02/2015, sob o título “As estranhas afirmações de Hawking”, na coluna Ciência+Saúde, escrito por Salvador Nogueira, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Depois se tornar astro pop, Hawking passou a fazer declarações científicas pouco embasadas em evidências, incomodando os outros físicos. A imagem do "gênio preso à cadeira de rodas" começou a ser cultivada quando Hawking publicou seu primeiro livro de divulgação científica, "Uma Breve História do Tempo", em 1988. [...] "Hoje, a ciência se tornou midiática. E Hawking atua como uma celebridade, não mais como um físico". "Seu status de celebridade lhe dá uma credibilidade instantânea que os outros físicos não têm".

Esse texto, de modo geral, trata-se do único texto inteiramente crítico com relação à ciência e a imagem pública de Stephen Hawking. O físico é apresentado nesse texto, segundo a mesma hipótese que move esta presente análise de dados deste artigo, como uma pessoa tornada mito. Denuncia-se, nesse texto, que Hawking é promovido por discursos romanceados e falsificadores vindos da grande mídia.

Nos décimo primeiro e décimo segundo textos que aparecem na busca, o físico Stephen Hawking é citado apenas secundariamente, pois esses textos são sinopses da cinebiografia "A teoria de tudo".

O décimo terceiro texto, de 29/01/2015, sob o título "Ator pressionou para mudar voz de físico", na coluna Ilustrada, escrito por Giuliana Vallone, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Não seria um exagero dizer que o britânico Stephen Hawking, 73, é o cientista mais conhecido da atualidade. Mesmo entre quem não sabe nada sobre física, é difícil encontrar alguém que nunca tenha ouvido falar dele. [...] "Eu tinha a imagem fixa de Stephen Hawking como uma grande mente científica em uma cadeira de rodas com a voz eletrônica".

Esse texto, de modo geral, trata-se da cinebiografia "A teoria de tudo" sob a perspectiva da aproximação entre o ator Eddie Redmayne e o próprio físico Stephen Hawking. O físico é, de novo, citado de modo generalista como "cientista mais conhecido da atualidade", além de a sempre afirmada caricatura de "grande mente" também ter sido feita novamente. Ou seja, novos indícios que fortalecem a manutenção periódica de discurso mitificador.

O décimo quarto texto, de 29/01/2015, sob o título “Buraco negro”, na coluna Ilustrada, escrito por Marcelo Gleiser, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

A diagnose de sua terrível doença, a esclerose lateral amiotrófica [...]. O prognóstico de vida é de dois anos. Hawking descobriu a doença aos 21. Hoje tem 73. Sua sobrevivência é um desses mistérios da ciência que nem ele pôde resolver. [...] O humor de Hawking é sua segunda maior arma contra o desespero de viver num corpo que o aprisiona. A primeira é seu amor pela ciência, algo que o filme mostra bem. [...] O filme celebra o espírito de um homem que lutou por toda a vida para iluminar o mistério do tempo, tanto o cósmico quanto o pessoal.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma crítica ao filme “A teoria de tudo”. O físico Stephen Hawking ocupa espaço principal nesse texto e é, constantemente, apresentado em relação à sua doença “terrível”, que leva a um “desespero de viver num corpo que o aprisiona”. Tais características dramáticas dão sustentação à imagem de grande superação de Hawking que, apesar de tal doença, misteriosamente contrariou o “prognóstico de vida” dado pelos médicos e “lutou por toda a vida” para ter uma ciência e uma vida pessoal “iluminadas”. Há nesse texto, então, mais sinais da mitificação de Hawking a partir de sua inteligência e de sua surpreendente sobrevivência, apesar da referida doença mortal.

O décimo quinto texto, de 29/01/2015, sob o título “Intérpretes viscerais do casal abraçam clichês ao falar de ciência”, na coluna Ilustrada, escrito por Reinaldo José Lopes, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

É difícil não se emocionar com "A Teoria de Tudo", em especial se você tem alguma familiaridade com a história e os maneirismos do físico Stephen Hawking, provavelmente o único cientista vivo com status de celebridade global. [...] Essas dificuldades crescentes são temperadas com triunfos e bom humor. Ao mesmo tempo em que Redmayne vai progressivamente assumindo a postura contorcida que a doença deu a Hawking, o ator consegue mimetizar o olhar zombeteiro e a autoconfiança que caracterizam o físico.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma resenha comparando a performance do ator protagonista de “A teoria de tudo” e a vida real de Stephen Hawking. O físico é

apresentado como “único cientista vivo com status de celebridade global” e a sua doença, nesse contexto, é algo superado por seu olhar bem humorado, “zombeteiro”, e por sua “autoconfiança”. Esse texto é ponderado, por trazer uma crítica ao estereótipo que ronda os cientistas. Mas o discurso idealizado e elogioso sobre Hawking é o que mais acentua-se no texto.

O décimo sexto texto, último encontrado na busca, de 16/01/2015, sob o título “Safrá de concorrentes ao prêmio desfila personagens obcecados”, na coluna Ilustrada, escrito por Daigo Oliva, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Isso sem contar as cinebiografias, gênero cuja gênese está em histórias de superação, caminho cruzado com personagens obstinados. Representam esta linha "Teoria de Tudo", sobre Stephen Hawking, físico portador de doença degenerativa, e "O Jogo da Imitação", sobre o matemático Alan Turing, que desvendou uma engenhoca nazista e ajudou os Aliados a vencerem a Segunda Guerra.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma crítica acerca dos diversos filmes indicados a prêmios internacionais em 2015. O físico Stephen Hawking é citado em um contexto de autossuperação, sob termos como “obstinados” e “obcecados”. Hawking é secundário nesse texto, mas ainda assim a noção de “história de superação”, recorrentemente associado à sua imagem mitificada, foi novamente empregada.

Enfim, essas dezesseis (16) publicações analisadas refletem a construção discursiva, do primeiro trimestre de 2015, do jornal Folha de S.Paulo, em sua versão impressa, acerca da imagem pública de Stephen Hawking.

## **Considerações finais**

A partir do conceito de mito, segundo Barthes, foi possível então criticar os dados do início de 2015, da Folha de S.Paulo, apresentando os elementos mitificadores publicados nos textos que versam sobre o astrofísico britânico Stephen Hawking.

Assim, respondeu-se à questão inicial desta pesquisa: se há discurso mitificador na grande mídia acerca de Hawking. A resposta afirmativa, que confirma a hipótese deste trabalho, aparece embasada na análise dos dados.

Dessa análise é que se expõe os indícios do discurso deformado, retórico, engrandecedor, idealizado e mítico. Tal discurso, por vezes, faz a cobertura jornalística esquecer-se da objetividade e da imparcialidade e, por isso, contribui para a periódica manutenção do já conhecido mito de Hawking, a “hawkinidade” tão promovida midiaticamente mundo afora.

## Referências

ARAUJO, Inácio. **‘Birdman’ reflete a imagem que Hollywood tem de si mesma.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/209386-birdman-reflete-a-imagem-que-hollywood-tem-de-si-mesma.shtml>>. Acesso em 24 ago.2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 2011. São Paulo: Edições 70.

BARTHES, Roland. **Mitologias.** 1982. São Paulo: Difel.

FOLHA DE S.PAULO. **‘Boyhood’ vence ‘Birdman’.** 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/207542-boyhood-vence-birdman-no-oscar-ingles.shtml>>. Acesso em: 01 set.2016.

\_\_\_\_\_. **O que eles disseram.** 2015. Disponível e:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/corrída/211938-o-que-eles-disseram.shtml>>. Acesso em: 19 ago.2016.

GENESTRETI, Guilherme. **Favorito, ‘Birdman’ leva quatro Oscar.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/209359-favorito-birdman-leva-quatro-oscar.shtml>>. Acesso em: 24 ago.2016.

\_\_\_\_\_. **Já vi esse filme.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/209125-ja-vi-esse-filme.shtml>>. Acesso em: 24 ago.2016.

GOMES, Henrique. **À beira do buraco negro.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/209155-a-beira-do-buraco-negro.shtml>>. Acesso em: 25 ago.2016.

GLEISER, Marcelo. **Buraco negro.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/205905-buraco-negro.shtml>>. Acesso em: 02 de set.2016.

LOPES, Reinaldo José. **Intérpretes viscerais do casal abraçam clichês ao falar de ciência.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/205906-interpretes-viscerais-do-casal-abracam-cliches-ao-falar-de-ciencia.shtml>>. Acesso em: 02 set.2016.

NOGUEIRA, Salvador. **As estranhas afirmações de Hawking.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/207498-as-estranhas-afirmacoes-de-hawking.shtml>>. Acesso em: 01 set.2016.

OLIVA, Daigo. **Safra de concorrentes ao prêmio desfila personagens obcecados.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/204127-safra-de-concorrentes-ao-premio-desfila-personagens-obcecados.shtml>>. Acesso em: 02 set.2016.

PERRIN, Fernanda. **Exterminadora do futuro.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/212208-exterminadora-do-futuro.shtml>>. Acesso em: 19 ago.2016.

VALLONE, Giuliana. **Ator pressionou para mudar voz de físico.** 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/205907-ator-pressionou-para-mudar-voz-de-fisico.shtml>>. Acesso em: 01 set.2016.